

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º entregu	38.º Anno — XXVIII Volume — N.º 962	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
	36 n.º	18 n.º	9 n.º			
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	630	13n	20 DE SETEMBRO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.—Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	630	13n		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	630	13n		



A ESCULPTURA

ESTATUA POR FERNANDES DE SÁ, DESTINADA AO MAUSOLEU DO VISCONDE DE VALMOR.

Chronica Occidental

N'uma das primeiras chronicas que escrevi para o Occidente, ha mais de dez annos, lembra-me haver falado da morte da Emilia Letroublond e da impressão que produz, saber-se desapparecida n'um throno quem foi, durante uns annos curtos, saudada como estrella, aclamada em noites de gloria, noites mais curtas que a do S. João n'um paiz do norte. Muito mais do que a outra brilhou esta Emilia, que tão poucas linhas inspirou de necrologios, ella que tantos e tão entusiasticos madrigaes em sua mocidade inspirára.

Meia duzia de actores, outra meia duzia de amigos a acompanharam até o sepulchro.

Deviam á volta de vir lendo os jornaes de ha trinta annos e philosophar sobre como são ephemerias as flores da gloria. A que tão celebrada foi e tantas paixões creou em peitos de poetas e de anonymos não teve no seu enterro o acompanhamento que teem alguns dos mais obscuros, obscuros em seu nome e na vida.

E' que Emilia Adelaide morrêra ha muito, planta que só florescia á luz artificial da ribalta e das gambiarras. Na mesma noite em que pela ultima vez ouviu umas palmas dos antigos admiradores, n'essa mesma, quando sahio do theatro, ia no curto caminho d'um cemiterio, o peor de todos, o mais doloroso, o do esquecimento.

Eram no tempo em que Emilia Adelaide viveu, mais facéis os triumphos, para ella facilimos, que a creara a natureza insigne no genero romantico

em que tão celebrada foi. Estatura, espontaneidade do gesto largo, olhos luminosos, voz vibrante, tudo a victoria lhe facilitava. E obteve-os que ficaram memoraveis... pelo tempo que essas coisas costumam durar. Quantos annos? Quantos dias? Sobre os nossos maiores enthusiasmos que véo negro nos vai constantemente a cahir!

Recitava-se então por toda a parte a *Judia* de Thomaz Ribeire que foi tão famosa.

*Dorme, que eu véo, seductora imagem,
Grata miragem que no ermo vi,*

E' ninguem, melhor que a grande actriz do theatro de D. Maria, afinava a voz para cantar aquelles saphicos, que deslisavam mansos e perfumados como as aguas do Tejo idealizado. Olhos enternecidos, quem sabe se ás vezes humidos d'uma lagrima, olhavam-a encantados, corações batiam mais rapidos, arfavam os peitos, e as ovações estalavam.

Trinta e tantos annos foram bastantes para encovar os olhos que tanto se accendiam, esfriar os corações e calar nos peitos os enthusiasmos. De tantas palmas e bravos um ecco só não ficou vibrando na ampla sala, ainda que os velhos de hoje tentem apurar os ouvidos.

E' por isso que nunca são de mais os applausos áquelles cuja arte com elles ha de morrer, áquellas sobretudo a quem uma primeira ruga, um quebrar de voz, um menor fulgor no olhar são coisa terrivel como o dobrar dos sinos aos ouvidos d'um condemnado.

Emilia Adelaide ainda quiz apresentar-se n'um palco em Lisboa, reviver uns instantes de seu passado; mas a experiencia feita, pouco despertando a curiosidade, desanimou-a talvez. Não se lhe abriram, como decerto esperava, os braços dos empresarios, e, cheia de saudades, foi viver, escondida quasi ninguem sabia onde, seus ultimos dias amargurados.

E' quasi digna de lastima a mulher cuja mocidade toda deslisa sob um céu de primavera, quando não tenha o talento de saber envelhecer, tão raro nos homens e nas mulheres rarissimo.

A uma velhota a quem a policia, um dia d'estes, deitou a unha, porque a via nas escadas do Loreto estendendo a mão ás devotas caridosas, foram, entre os sordidos andrajos que a vestiam, encontrados valores approximados de trescentos mil réis, em notas, dinheiro em metal e alguns objectos d'ouro. Quem tal podia cuidar?... Mas a velha explicou-se, a velha tinha um ideal. Quem tal diria?

Um senhorio era para a previdente mendiga o mais horrivel dos pesadêlos. Aquella mão exigente, que todos os sabbados se lhe estendia a pedir o aluguer do quarto, não lhe sahia da imaginação, em sonhos negros que a tormentavam. Via-a constantemente ante seus olhos, n'um clarão fantastico, com as unhas a crescerem, a crescerem sempre, a recurvarem-se, puxando a presa. E ella então poz-se a amontoar, a amontoar para comprar uma casita.

E vae a policia e leva-a para a esquadra! Teve uns dias casa de graça; era já um principio de realisacão do sonho.

Não sei se lhe devemos chamar sorte, embóra outra melhor não haja do que ver chegar uma hora almejada, para que muito se trabalhou.

Quantos levam a vida cheia de terrores, assustados sempre, com o olho esgasendo na espada que lhes ha de cahir um dia sobre a cabeça!

Faz agora annos, e muita vez annos, que muitos desgraçados sem protecção tremiam como

varas lembrando-se do que os esperava á porta ferrea da Universidade, ao abrir das aulas, dos suores frios que haviam de padecer, se algum grupo encontrassem de mascarados, quando uma vez sahisses á noite de casa por um motivo urgente. Eram o pontapé nas canellas, a dusia de palmatoadas puxadas pela mão d'um transmontano, o corte do cabelo que indicava ao professor uma lição naturalmente em branco. Que vontade tinham alguns de mandar para o inferno toda a sciencia da sebenta!

Contavam-se historias de Coimbra que punham em pé os cabellos aos mais destemidos, para quem já perdéra toda a graça o *Palito Metrico*. Mas agora tudo mudou. Já o canellão havia diminuido de brutalidade, até que, ha dois ou tres annos, foi de todo abolido. Trata-se agora de dar cabo por uma vez da tradição e de fazer aos novatos uma recepção esplendida.

Respondendo á circular que o Grupo de recepção enviou a todos os estudantes, tem a maior parte d'estes respondido adherindo á sympathica idéa.

O presidente, sr. José d'Arueila, anda trabalhando para que, entre outros festejos, se realice em honra dos novatos um grande sarão, para cujo brilho já conta com valiosissimos elementos, segundo se diz.

Não teem faltado applausos á iniciativa, e, mais que todos, hão de fatalmente ser partidarios da enxadada na absurda tradição os que, mais tímidos ou fracos, vêem assim desaparecer um espantinho que lhes mettia pavor, mais talvez por apparencias e em razão d'um ou d'outro caso excepcional, do que por ser na realidade tão feio como certas imaginações o pintavam.

Fosse como fosse, o sr. José de Arruela merece o maior applauso. Por tantas tradições que morrem e mereciam vida, uma expira com alegria da civilisação.

Descansem as troças em paz, que outras maneiras ha de haver de ir aguerrindo os rapazes para as luctas que depois na vida os esperam, para mais não seja que para fazer o seu bocado de rhetorica e, de mistura, ir soccando algumas carteiras nas camaras, se o uso continuar assim de proteger excepcionalmente a industria dos marceneiros.

Estão fechadas as côrtes e em poucos dias pareceu que na presidencia do concelho foi substituido o sr. José Luciano pelo Barão de Catania. Deu o facto motivo a meia dúzia de artigos nos principaes jornaes, que discutiram o decreto conforme os seus redactores o entenderam, e hoje as discussões esmoreceram, muito naturalmente para, com maior vigor, rebentarem novamente em janeiro. Se os animos da outra vez não serenaram, menos probabilidades hoje se tem de prever a paz almejada, visto as complicações que certas revelações trouxeram para a approvação do contracto dos tabacos.

Então ninguem sabe se os novos tumultos se tornarão ainda mais terriveis nem se os destroços lembrarão nas camaras os da Calabria devastada pelos recentes tremores de terra.

Mas a esta ainda acudiram as auctoridades italianas; andou pelas aldeias em ruinas o rei de Italia em automovel; para acudir aos feridos enviaram já suas esmolas o imperador da Alemanha e o presidente Loubet; por todo o mundo gente caridosa se move para minorar a grande desgraça. Entre nós, se nós mesmos provocarmos o cataclismo, ninguem virá com sua mão compassiva repór as coisas no antigo estado. Pelo contrario, mão que appareça é trememos d'ella.

Quasi quatro mezes nos separam ainda da reabertura das camaras. E' possível que, d'aquí até janeiro, condições fortuitas ou preparadas encaminhem as coisas por forma que dêem maior satisfação e sejam estas discutidas de mais sereno animo.

As festas ao presidente Loubet ajudarão a distrahir os espiritos. E' já certa a sua vinda a Lisboa, visita para que foi convidado por carta autographa do sr. D. Carlos. No programma da recepção entrará um almoço n'um dos paços de Cintra e um jantar intimo na cidadella de Cascaes e illuminação da bahia. Figurarão no cortejo os mesmos côches que serviram aos soberanos de Hespanha, de Inglaterra e da Alemanha. A data certa da visita é que por enquanto se ignora e se antes será ou depois da visita ao rei Afonso.

O preciso seria o céu azul, que, ás vezes, os fins de outubro são traidores, e o tempo, todo independente, nem sempre se mostra palaciano. Seja o outomno mais republicano com Loubet do que monarchica se mostrou a primavera com a rainha de Inglaterra.

JOÃO DA CAMARA.

Estatua da escultura destinada ao tumulo do Visconde de Valmôr

Mais uma obra d'arte temos hoje a registrar do distincto escultor portuense sr. Fernandes de Sá: a estatua da Escultura com que este artista contribue para o tumulo de Visconde de Valmôr, o amigo dos artistas portuguezes, que assim correspondem á dedicação que por elles mostrou o illustre extincto.

O sr Fernandes de Sá é auctor de outras obras de reconhecido valor que o OCCIDENTE tem registrado em suas paginas, e ainda a ultima foi a sua estatua de Camões, destinada ao Museu de Artilharia, um museu d'arte, enriquecido pelo gosto e cuidado do seu fallecido director o general Eduardo Ernesto Castelbranco, outro benemerito das artes.

A estatua da Escultura não desmerece dos bons creditos do sr. Fernandes de Sá, sendo uma bella obra de estatuaria classica, consoante ao fim a que é applicada.

MARQUES LEITÃO E A ESCOLA INDUSTRIAL «MARQUEZ DE POMBAL»

O nome de Marques Leitão acha-se indissolvelmente ligado á Escola Industrial *Marquez de Pombal*, cujos progressos e adeantamentos são devidos á sua intelligencia, dedicação e perseverança. Falar da escola é portanto falar do seu illustre director, pois a obra é synthetizada pelo nome do homem.

O incendio que, na madrugada de 10 do corrente, destruiu o telhado e sótão da parte central do edificio da escola, poz em grave risco os outros edificios annexos e isolados, que são a secretaria, officinas de carpintaria, serralharia, motor da illuminação electrica, aulas de desenho de machinas, de chimica industrial; officinas de pintura decorativa, entalhador e formação, que nada soffreram. E' principalmente toda esta parte nova que constitue a grande obra do sr. Marques Leitão, que, sem favor e com a maior justiça, se pode dizer que é um modelo de funcionarios, sendo admiravel a pertinacia com que tem obtido das instancias superiores estes melhoramentos para a sua escola.

Alcançou o sr. Marques Leitão um verdadeiro triumpho quando organizou, a pedido do governo, a exposição das escolas industriaes do Sul na grande Exposição Universal de Paris em 1900. Não só diversas escolas obtiveram medalhas como o conjunto mereceu um *Grand-prix* n'aquelle famoso certamen mundial. Por ordem do ministro foi dada á Escola Industrial *Marquez de Pombal* a respectiva medalha referente a esse grande premio.

Ainda no anno passado se fez uma interessante distribuição de premios presidida pelo ministro, conselheiro sr. Eduardo José Coelho, rodeado dos srs. Madeira Pinto, Joaquim Tello e Antonio Arroyo, autoridades superiores do ensino industrial, e nesse acto recebeu o sr. Marques Leitão os mais rasgados elogios pela sua escola modelo.

O dedicado director já obteve do actual ministro das obras publicas a reedificação immediata da parte incendiada do edificio da escola, afim de não haver interrupção no ensino, aproveitando-se provisoriamente algumas das salas não atingidas pelo incendio.

O mesmo ministro expediu em 12 do corrente uma portaria, que gostosamente archivamos neste logar, louvando as pessoas que salvaram do fogo e da agua as valiosas colleções de modelos do museu escolar e a bibliotheca.

A portaria é a seguinte :

«Considerando a dedicação e zelo com que os funcionarios da Escola Industrial *Marquez de Pombal*, abaixo especificados, contribuíram para a extincção do incendio que ultimamente se deu naquella escola, e para a salvação do seu importante material, trabalhando esforçadamente durante doze horas de sabbado para domingo, com perigo de saúde e prejuizos proprios: manda Sua Magestade El-Rei, pela Secretaria de Estado das Obras Publicas, Commercio e Industria, que por este facto sejam louvados os professores da Escola Industrial *Marquez de Pombal*, Eduardo Augusto da Silva, João Ribeiro Christiano da Silva e Jorge Janz, o mestre Luiz Duarte das Neves, os empregados de secretaria Carlos Alfredo Rodovalho Duro, Luiz Fernando Pereira, Frederico Jaime Carvalho Aldim e Alfredo Duarte Guerreiro da Silveira, o alumno Joaquim Silva e o ex-alumno Francisco da Silva Nogueira, mere-

cendo tambem menção especial todos os empregados menores e jornaleiros que coadjuvaram este trabalho com todo o esforço e espontaneidade. — Paço, em 12 de setembro de 1905. — *D. João de Alarcão Velasques Sarmento Osorio*»

A Escola Industrial *Marquez de Pombal* é a mais frequentada do reino. A sua ultima matricula attingiu o elevado numero de 532 alumnos de ambos os sexos.

Muitos dos alumnos que teem feito os seus cursos nesta escola se encontram bem collocados, em estabelecimentos particulares e do Estado. Alguns andam a bordo de navios de guerra e mercantes, como machinistas, existindo já actualmente entre elles um 1.º machinista, o sr. Gregorio Faria. Em muitos outros ramos profissionais teem obtido collocação vantajosa varios alumnos sahidos d'esta escola.

Seria pois uma perda bastante sensivel se o incendio houvesse devorado completamente tão importante e proveitoso estabelecimento de instrucção, ficando inutilizados os valiosos esforços de todos que teem cooperado para o seu engrandecimento.

Esta escola teve por predecessora a *Escola de desenho industrial Marquez de Pombal*, creada por Antonio Augusto de Aguiar, em decreto de 3 de janeiro de 1884, e em virtude de uma lei, que, vinte annos antes, em 1864, auctorisára o governo a estabelecer escolas industriaes nas localidades de maior importancia fabril. Funcionou durante alguns annos na rua de Alcantara, n.º 83.

A primeira pedra do actual edificio foi lançada em 22 de dezembro de 1886, e a inauguração effectuou-se solemnemente em 31 de outubro de 1888, com a assistencia do rei D. Luiz e do então principe Real D. Carlos.

O projecto do edificio foi elaborado pelo fallecido architecto Luiz Caetano Pedro d'Avila.

Esta escola, como todas as escolas industriaes, teve por iniciador Antonio Augusto de Aguiar, que encontrou no fallecido conselheiro Emygdio Navarro um continuador de talento pujante e arrojada iniciativa, que, como ministro das obras publicas, a mandou construir, assistiu á sua inauguração e a dotou com excellentes mobiliario e utilissimos modelos.

A Escola *Marquez de Pombal*, como se vê da nossa estampa, comprehende um vasto quadrilatero, limitado ao norte pela rua conselheiro Pedro Franco, ao sul pela rua Direita de Alcantara, a este pela rua da Escola-Asylo e a oeste por um muro paralelo á rua da Creche. O corpo principal do edificio, que consta de tres pavimentos, fica do lado norte.

A escola foi dotada com uma installação inteiramente moderna, constituindo um verdadeiro modelo no seu genero.

Ao prestante director que, na sua escola rege a cadeira de geometria, sobeja ainda tempo, além do absorvido pelos cuidados de a dirigir, para leccionar desenho e geometria no Real Collegio Militar da Luz e leccionar, a convite de El-Rei, a SS. AA. o Principe Real e o infante D. Manuel, as mesmas disciplinas.

Como official do exercito, pois é major de infantaria, o sr. Carlos Adolpho Marques Leitão tambem se tem evidenciado, achando-se hoje no estado maior da sua arma. E' official da ordem militar de S. Bento de Aviz e por serviços distinctos, da de S. Thiago, da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e possui a medalha de prata da classe de comportamento exemplar.

Nasceu em 1 de maio de 1855 e assentou praça em 15 de setembro de 1873, sendo promovido a alferes em 5 de janeiro de 1876, a tenente em 8 de novembro de 1882, a capitão em 21 de dezembro de 1887 e a major em 20 de outubro de 1898.

Armas, artes e lettras teem por igual merecido as attentões do sr. Marques Leitão. Por ocasião da exposição universal de Paris, de 1900, publicou com o titulo de *Enseignement special industriel et commercial* um interessante opusculo com a historia e dados estatisticos, sobre os trabalhos mandados á exposição pelas escolas industriaes *Marquez de Pombal*, de Alcantara, *Afonso Domingues*, de Xabregas, *Principe Real*, do Rato, *Rodrigues Sampaio*, do Poço Novo, *Fradesso da Silveira*, de Portalegre, *Pedro Nunes*, de Faro, *Rainha D. Maria Pia*, de Peniche, *Campos de Mello*, da Covilhã, *Jacome Ratton*, de Thomar, *Victorino Damasio*, de Torres Novas e *Rainha D. Amelia*, de Setubal.

Outros trabalhos litterarios tem publicado o sr. Marques Leitão, sendo um dos ultimos o discurso proferido na sessão solemne do centenario do Real Collegio Militar.

AMOROSOS

EM TERRA DE TOUROS — NO PAIZ DAS ARRUFADAS

(Romance do dr. Solano d'Abreu)

A constante falta de espaço tem-nos inhibido de dar aos nossos leitores uma noticia, embora succinta, do magifico romance *Amorosos*, que amavelmente nos foi offerecido pelo illustre auctor, sr. dr. Solano d'Abreu, esmerado e opulento agricultor, que cultiva as suas propriedades com o mesmo entusiasmo e decidido talento com que se entrega ao cultivo das letras, onde desde ha muito conquistou logar distincto.

O seu ultimo trabalho *Amorosos*, é um romance genuinamente portuguez, tanto pelos quadros admiravelmente pintados, d'onde se destacam, com notavel primor, figuras e costumes da nossa terra, como pela correcção da linguagem, verdadeiramente modelar, desprendida d'esses artificios exaggerados de estylo, que tanto abundam nas obras da moderna litteratura.

Amorosos é romance verdadeiramente moderno, orientado por um naturalismo vivificante, constructivo e salutar, cuja leitura encanta tanto pelo descriptivo, magistralmente feito, como pelas personagens vividas e bem delineadas, que nos atraem, porque nos são familiares: — conhecemo-las do trato quotidiano. O leitor assiste ao desenrolar de scenas interessantissimas, com lances de veras empolgantes, que lhe deixam indelevel impressão.

O livro do sr. dr. Solano d'Abreu põe em foco e critica com o superior criterio d'um espirito orientado por uma sã philosophia, alguns preconceitos rançosos e a hypocrisia revoltante da nossa sociedade, cujos defeitos o auctor stygmatisa com fina ironia.

Resulta d'aqui o alto valor do romance como elemento educativo da sociedade portugueza.

A acção dos *Amorosos* decorre em terra ribatejana, a avaliar pelos costumes e pela paisagem, e em Coimbra — no paiz das arrufadas, meio bohemio que o auctor nos pinta com entusiasmo e mestria. Nesta sub-epigrapha do seu bello romance, o sr. dr. Solano d'Abreu apresenta, com inexcédível naturalidade, scenas interessantissimas d'esse meio folgazão, assaz conhecido do auctor, que ali deixou immorredouro testemunho do seu luminoso talento, muito cedo manifestado na cultura das letras. *Coimbra em fralda*, *Porta ferrea* e o *Paiz das Arrufadas*, a primeira, uma revista litteraria semanal, o segundo, jornal academico, e a terceira, revista de acontecimentos de Coimbra, feita pelo sr. dr. Solano d'Abreu e representada repetidas vezes no theatro do Circo, todas estas publicações e muitas outras evidenciam o merito litterario do auctor dos *Amorosos*, que teve por companheiros e colaboradores espiritos não menos illustres e talentosos como os srs. drs. Alfredo da Cunha, Trindade Coelho, Santos Mello, etc.

A leitura da segunda parte dos *Amorosos*, evoca saudosas recordações n'aquelles que passaram a sua mocidade na poetica terra dos estudantes e das tricanas, uns e outras simultaneamente colaboradores das comicas e sentimentaes quadras com que o auctor nos delicia.

Ao sr. dr. Solano d'Abreu agradecemos a offerta do seu esplendido livro, ao qual está destinado uma larga carreira litteraria.

Apresentado muito modestamente o romance, justo é que digamos mais algumas palavras acerca do seu auctor, que, vivendo afastado do bulicio da capital, conseguiu em pouco tempo — mercê da fecundidade de seu cerebro potente e da sua extraordinaria actividade — elevar-se á consideração do paiz, que o conta no numero dos seus mais fieis servidores.

A reputação do sr. dr. Solano d'Abreu como homem de letras vem avigorando-se desde os bancos da Universidade de Coimbra, cuja faculdade de direito cursou com notavel aproveitamento. O seu espirito ainda juvenil, mas empreendedor, delectava-se na fundação e direcção de jornaes academicos, onde deixou impressas perduraveis manifestações do seu luminoso talento, em que se realçavam a alegria e a mordacidade superiormente evidenciadas na feitura de comedias cheias de *verve*, que arrancavam estrondosas gargalhadas da academia e do publico.

Concluida brilhantemente a sua formatura em 1885, o dr. Solano d'Abreu voltou para a sua terra natal, a feracissima e sorridente villa d'Abrantes, fugindo ás fascinações enganosas da politica mesquinha e facciosa, a cujas machinações não podia amoldar-se o seu espirito recto e viril.



DR. SOLANO D'ABREU

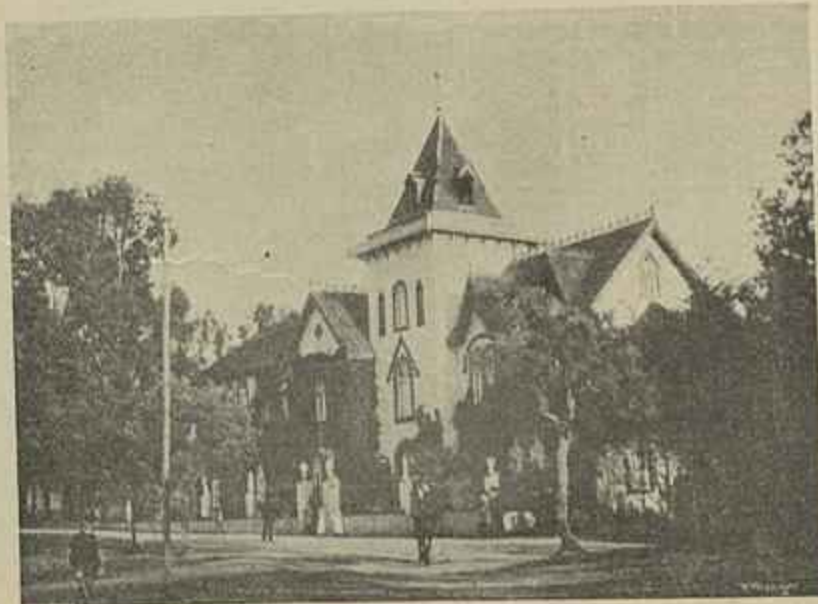
Do seu acrisolado patriotismo e da sua desvelada dedicação ao engrandecimento da terra que lhe foi berço fallam bem alto as homenagens dos seus conterraneos em reconhecimento dos relevantes serviços que, como edil e como lavrador e publicista, o dr. Solano d'Abreu tem prestado á villa d'Abrantes.

Vendo no resurgimento da agricultura uma das melhores fontes da riqueza nacional, o dr. Solano veio enfileirar-se ao lado dos mais ardentes propugnadores da sciencia agronomica. A technologia agricola deve-lhe um bom livro sobre o fabrico da manteiga, livro que contem os ensinamentos mais aconselháveis para a manipulação dos leites.

As suas magnificas propriedades revelam logo á primeira vista o agricultor intelligente e ousado. Da maneira como cuida do aperfeiçoamento das industrias agricolas, pode bem aquilatar-se, sabendo-se que o jury da ultima exposição de leitaria e olivicultura conferiu a este distincto lavrador a medalha de ouro pelo seu azeite.

O sr. dr. Solano de Abreu, que nunca deixa de tomar parte em todas as manifestações tendentes ao melhoramento da lavoura nacional, foi tambem um dos membros do ultimo congresso agricola, em cujas sessões a sua palavra era escutada com geral applauso.

O *syndicato agricola* de Abrantes, a mais forte e activa agremiação agraria da provincia, desejando patentear ao paiz a elevada consideração em que tinha e tem os meritos do sr. dr. Solano d'Abreu, elegeu-o seu presidente. E' tambem um dos mais prestimosos socios fundadores da *Real Sociedade Nacional de Horticultura*, a cuja existencia tem vinculado o seu nome prestigioso e illustre.



VILLA MARIA AMELIA

Modesto em extremo e dotado d'um coração magnanimo, o sr. dr. Solano d'Abreu conta tantos amigos quantos teem a ventura de o conhecer.

Homem d'acção e de estudo, dotado com multipias faculdades de trabalho, o dr. Solano d'Abreu occupa a sua laboriosa e util existencia, ora na direcção meticolosa e intelligente de sua importante lavoura, ora na cooperação com os seus conterraneos para o progresso da sua terra, para cujos melhoramentos e prerogativas elle constantemente se empenha, ora, finalmente, prescrevendo, no seu gabinete de trabalho da linda e confortavel *Villa Maria Amelia*, os mais transcendentos problemas da agricultura e da riqueza publica, bem como meditando e escrevendo, n'esse doce remanso, cheio de alegria, os magnificos artigos e livros que, como os *Amorosos*, vão successivamente consolidando a sua reputação de verdadeiro homem de letras.

O sr. dr. Solano d'Abreu pode, com justiça e orgulho, dizer, como o grande estadista inglés Gladstone: — *não desejo passar um unico dia da minha vida sem produzir alguma cousa util á minha patria.*

Felicitando novamente o illustre escriptor pelo seu soberbo romance, fazemos votos para que em breve se lhe sigam outros trabalhos de igual valia.

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA

NOVO TEMPLO DE N. S. MÃE DE DEUS EM GOA

Apresentamos hoje a nossos leitores as gravuras d'um formoso templo, que ha pouco, foi construido em Sontulim, uma das mais illustradas freguezias da archidiocese de Goa. Pela belleza architectonica é hoje o melhor d'essa nossa possessão e não teme confronto com os mais elegantes edificios religiosos da Europa.

Verdade seja que estão ali ainda de pé, como testemunhas mudas do nosso aureo cyclo de conquistas nos dominios da religião, alguns monumentos grandiosos que fazem a admiração dos forasteiros que vão visitar essa, outr'ora opulenta hoje decahida, terra, onde os nossos avós praticaram heroismos sem par nos fastos das nações colonias do mundo. Esses edificios, porem, são de architectura pesada, sem a encantadora belleza que assignala modernas construcções.

O templo a que nos referimos, destaca-se d'entre os outros d'aquella archidiocese pelos mesmos predicados que faltam ás antigas edificações, sendo, por isso, justamente admirado por quantos possuem um fino senso esthetico.

E' dedicado a N. S. Mãe de Deus, cuja milagrosa imagem foi para ali transferida d'um dos extinctos conventos.

De ha muito que se pensava na erecção d'esse templo, mas coube a gloria de levar a cabo tão bella obra ao sr. padre Pedro d'Alcantara Lamartine de Quadros, cuja aprimorada cultura intellectual, alliada a elevados dotes de coração, o fazem respeitado e querido de quantos o conhecem. E' aos seus persistentes esforços e espirito reconhecidamente generoso

que se deve essa elegante obra d'arte, monumento de sua piedade e zelo apostolico, que certamente lhe ha de perpetuar memoria.

Se a familia é a *prophecia do destino*, ahí está como o sr. padre Lamartine de Quadros soube seguir com inequalavel brilho as tradições da sua familia, da qual alguns membros prestaram nos seculos passados relevantes serviços á religião e á patria.

Tem tambem o sr. padre Quadros na familia quem possa sustentar tão honrosas tradições: é o sr. Manuel Antonio de Quadros, que ha anno e meio, se formou em direito pela nossa uni-

versidade e é um cavalheiro de reconhecido talento e illustração.

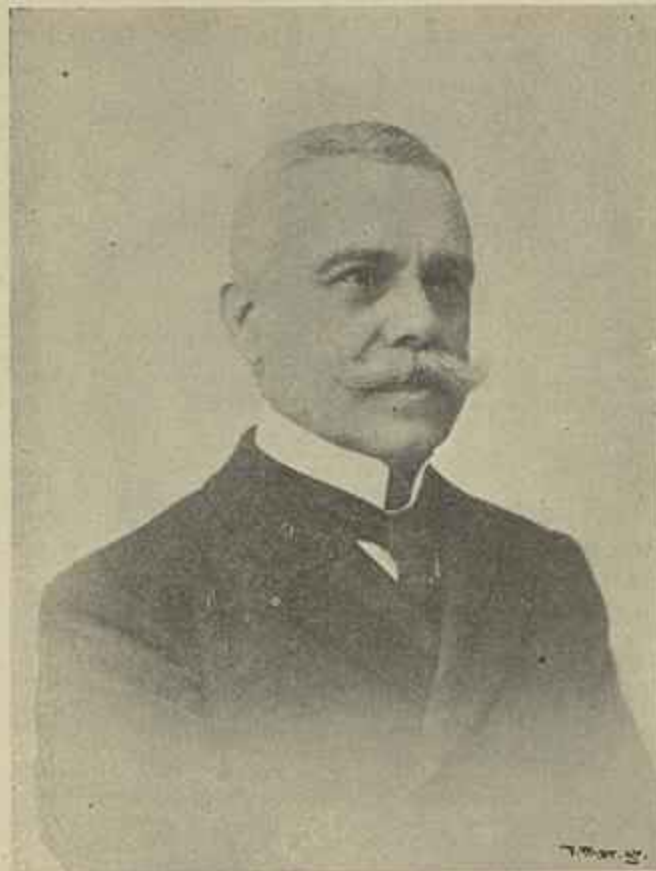
Ao sr. Amancio Gracias devemos a amabilidade da remessa das photographias do novo templo, que aqui reproduzimos em gravura, pelo que lhe testemunhamos os nossos agradecimentos.

O ULTIMO ECLIPSE DO SOL

SEUS EFEITOS — RESULTADOS CIENTIFICOS — INFLUENCIA SOBRE OS ANIMAES E PLANTAS — NA ZONA DA TOTALIDADE E NA ZONA DA PARCIALIDADE.

Reuniu, em 11 do corrente, a Academia das Sciencias de Paris, consagrando a sessão, especialmente aos resultados scientificos obtidos nas observações do ultimo eclipse do sol de 30 de agosto, do observatorio de Meudon. Esteve presente o sr. Deslandres que se referiu ás observações que, em Burgos, foram feitas pelos emissarios francezes, os quaes obtiveram magnificas photographias do espectro calorifico do sol. Em seguida, Fabry faz sciente de que varias experiencias de photometria tiveram logar, obtendo se d'ellas resultados uteis para o estudo das protuberancias.

Tem depois, a palavra, o chefe da missão em Constantine (Algeria), o qual declarou que L. a Vaulx, seu companheiro de viagem estabeleceu ali 3 postos meteorologicos, sendo um no terraço do hospital, outro no balão *Centauro*, e o terceiro em altas altitudes. No primeiro effectuaram-se registros de variação de pressão, temperatura, hygrometria, etc., desde 28 de Agosto até 6 de setembro — Durante o phenomeno, as variações d'estesapparehos registradores foram minimas. O posto do *Centauro* fez duas ascensões ambas sob ceu azul e tempo sereno. Em 3 de setembro, data da ultima ascensão, foi registrada,



CARLOS ADOLPHO MARQUES LEITÃO
DIRECTOR DA ESCOLA INDUSTRIAL «MARQUEZ DE POMBAL»

durante a ascensão, uma baixa de 15° de temperatura, ate á altura de 3.000 metros acima do nivel do mar. — O vento variou do quadrante sudoeste ao nordeste, o que fez com que o balão durante a viagem percorresse uma trajectoria de 270 graus — O balão pairou a 2.000 metros durante o phenomeno, presenceando-se que a pai-

sagem algeriana tomava o aspecto acinzentado. Os vegetaes indigenas não soffreram, em geral, influencia sensivel, porem o *nenuphar* da America, *mimosa* da Turquia, a *cania dealbata* da Australia, apresentaram alguns movimentos caracteristicos.

Nos animaes foi mais notorio o effeito do eclipse; os pombos recolheram ao pombal, a celebre *Torrente* da Constantina, conhecida ave de presa, voava occultando-se na rocha, denunciando terror, e até os gallos cantaram.

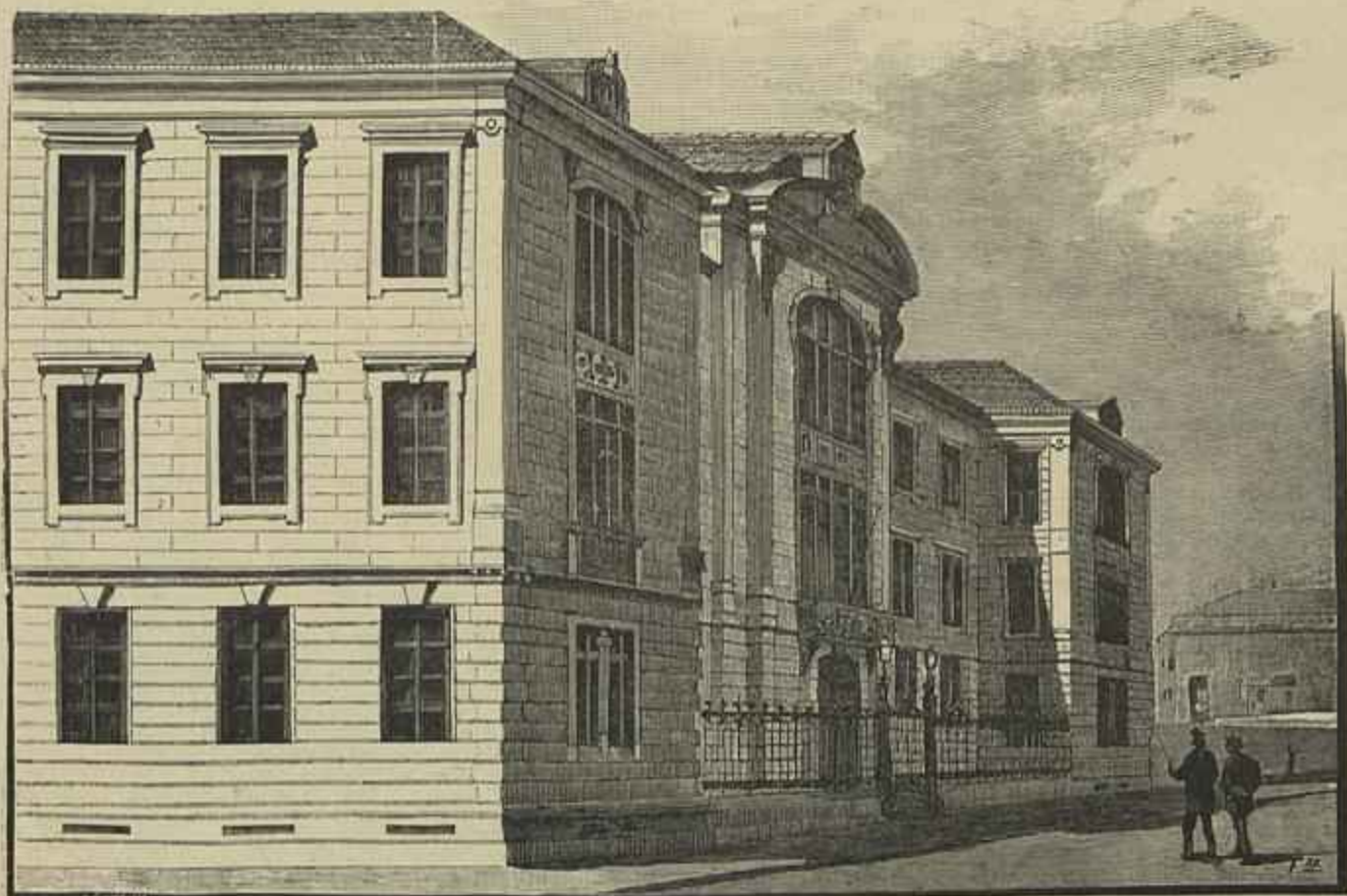
Em Burgos, centro da totalidade, a manhã apresentou-se nublada e chuvosa, porém, o tempo modificou-se e a tarde esteve serena e o ceu limpo. Colheram-se bastas photographias que deram resultados satisfatorios para o estudo da corôa solar, protuberancias, etc. — Varios balões subiram a grande altura, no momento de principiar o phenomeno, perdendo-se nas nuvens.

No Real Observatorio Astronomico da Tapada tambem se montaram tres parallacticos, tendo adstricto tres chronometros — Neste instrumento esteve trabalhando o senhor vice-almirante Campos Rodrigues, tendo-se impressionado 188 chapas photographicas que deram a maior parte d'ellas, resultados que muito devem contentar os astronomicos.

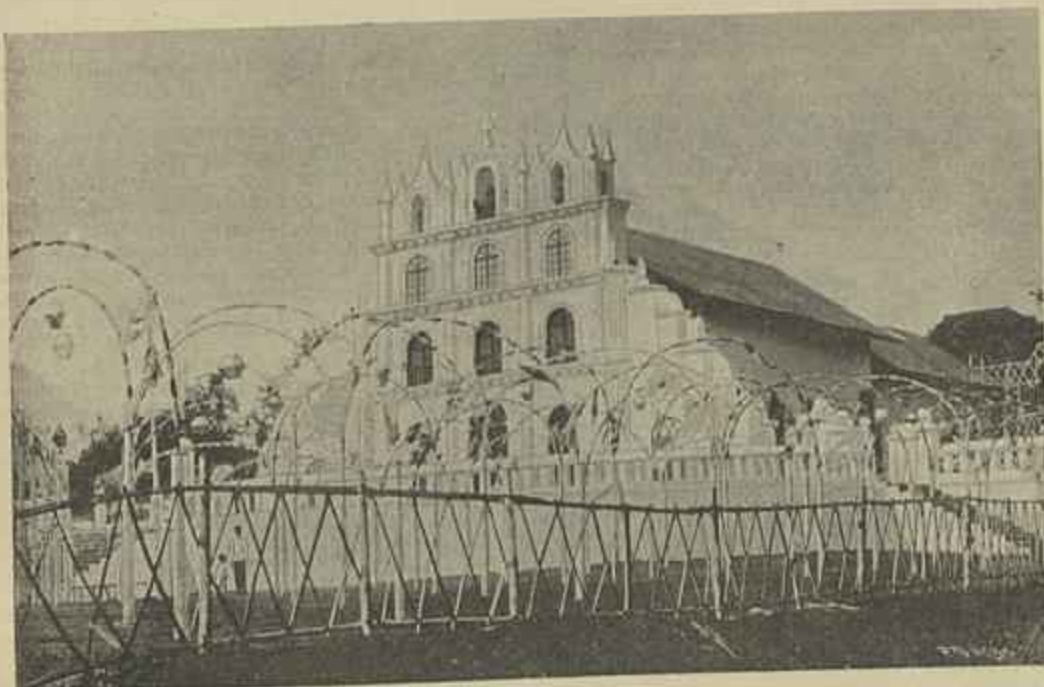
No momento do eclipse, o ceu tornou-se carrancudo, ameaçando chuva e parecendo querer impedir as observações, porém, á hora do maximo, (12^h 27'), limpou-se o firmamento e as observações poderam ser colhidas favoravelmente.

E a proposito de termos fallado na hora maxima, temos a declarar que no nosso ultimo artigo, sahio com erros da typographia, as horas a que se tinha previsto o phenomeno — o primeiro encontro do sol com a lua, realisou-se depois das onze horas da manhã, terminando o phenomeno á 1,12 minutos da tarde.

A'quelles que não aproveitaram a observação solar durante o phenomeno, indicamos uma lista



A ESCOLA INDUSTRIAL «MARQUEZ DE POMBAL» DESTRUIDA EM PARTE POR UM INCENDIO OCCORRIDO NA MADRUGADA DE 10 DO CORRENTE



NOVO TEMPLO DE NOSSA SENHORA MÃE DE DEUS, EM GÔA

(Photographia do sr. B. F. de Sousa & Filho)

dos proximos eclipses que passam facilmente sem ser vistos, em terras habitaveis.

14 Janeiro 1907. — Asia Central.

17 Abril 1912. — Sudoeste de Paris.

21 Agosto 1914. — Noruega e Russia.

3 Novembro 1916. — Açores e America do Norte.

29 Maio 1919. — Africa e America do Sul.

ANTONIO A. O. MACHADO.

LITTERATURA RUSSIANA

O TENENTE JERGUNOFF

POR

IVAN TURGENJEW

XX

Colibri passou para o lado opposto da mesa, correu por varias vezes os dedos por sobre as cordas da guitarra, e com espanto e não pouco do nosso tenente, que esperava uma canção viva e alegre, entoou como que um recitativo lento, e uniforme, acompanhando a esforçada emissão de

cada nota com um movimento compassado de todo o corpo, para a esquerda e para a direita. Não se ria; antes pelo contrario, contrahira as sobrancelhas — aquellas sobrancelhas altas, arqueadas e de finissimo desenho, no intervalo das quaes era visivel um signal azulado assim a modo de letra oriental, e cuja incisão parecia ter sido effectuada por meio de polvora. Quasi que fechara os olhos, as pupilas despediam porém maior brilho através das pestanas, e não se desfiavam de sobre a pessoa de Kusma Wassiljewitsch.

Este não podia tambem desviar a vista de sobre aquelles olhos assombrosos, ameaçadores, d'aquellas sobrancelhas, d'aquelle rosto de mais em mais animado pela côr, d'aquelles labios entre-abertos, immoveis, d'aquellas duas serpentes de azeviche, a balancear-se a compasso de um e outro lado do corpo.

Colibri continuava a bamboar-se para um e outro lado, sem se arredar do mesmo ponto, movendo apenas ao de leve os pésinhos, ora alcançando-se sobre bicos de pés, assentando os calcanhares. Uma vez, empinando-se, e agitando no ar a guitarra, soltou um grito penetrante... Descaiu porém desde logo n'aquella sua melopeia

uniforme, reassumindo a um tempo os movimentos da dança.

Kusma Wassiljewitsch conservara-se assentado no sofá sem tugar nem mugir, embevecido a contemplar a Colibri. D'elle se apoderára desusada sensação; sentia-se tão leve, tão alacre — leve de mais, até — Era como se se houvesse tornado incorpóreo, pairando no ar... sentia percorrer-lhe a epiderme um formigueiro, invadi-lo, da cabeça aos pés, um como que delicioso adormecimento, e o somno a fazer-lhe cocegas nas palpebras e na commissura dos labios. Não tinha um desejo, um pensamento; experimentava um bem estar, infinito, como se alguém o acalentasse ao som de uma melopeia, como se a Emilia estivesse para ali a papaguear-lhe, e ella lhe segredasse baixinho: — «bonequinha... minha bonequinha». De vez em quando, carregava-se o parecer da «bonequinha...» Porque motivo? perguntava-lhe Kusma Wassiljewitsch «Que ha-de ser! E' o perfumador que enche a casa de fumo, dizia elle lá comsigo... Está tudo envolto em uma nuvem azulada.

E voltava alguém a embalar-lo, — a segredar-lhe ao ouvido qualquer coisa tão agradável, tão linda... Mas por que é que ella nunca chegava á conclusão?... De subito, porém, a bonequinha escancarava os olhos — tão grandes, tão grandes, como os arcos de uma ponte... escorrega-lhe das mãos a guitarra, e baqueando no chão emite um



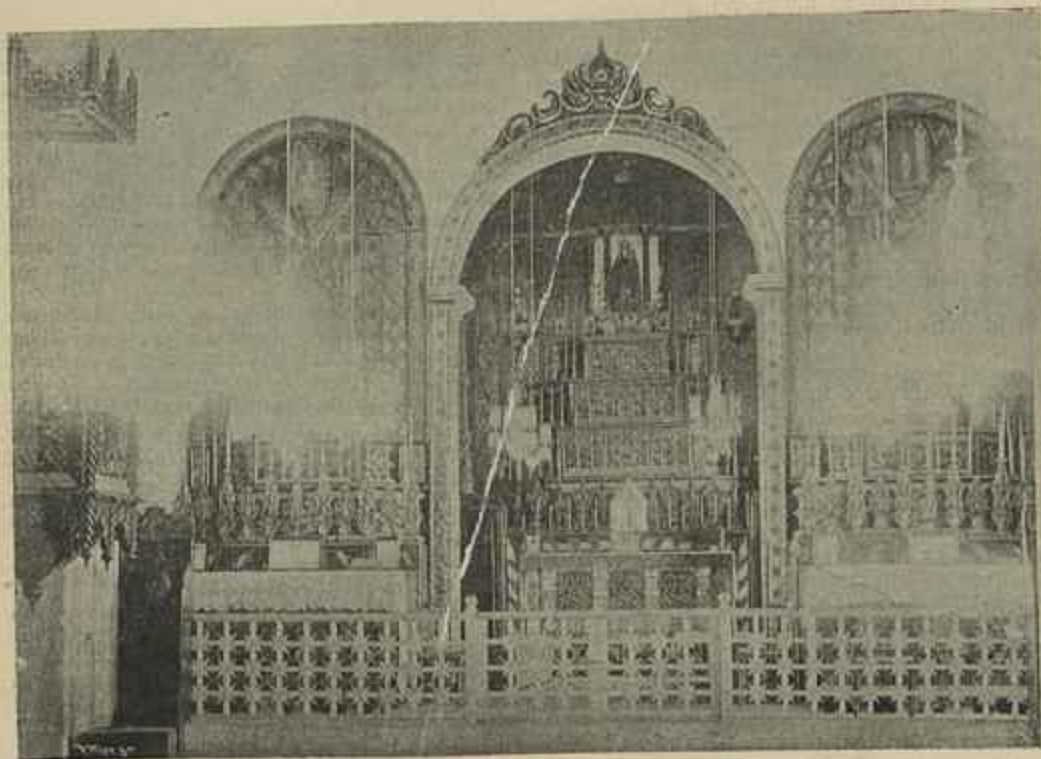
PADRE PEDRO D'ALCANTARA LAMBERTINI DE QUADROS

som, que dir-se-ia vir das profundezas da terra... Acto continuo, um intimo amigo de Kusma Wassiljewitsch abraça-o pelas costas, segurando-o com firmeza mas com muito geito, e compõe-lhe a gravata em desalinho. N'este meio tempo observa o nosso tenente, muito chegado ao proprio rosto, o nariz de aço, a barba intonsa e os olhos penetrantes do incognito do canhão da manga com os tres botões... e comquanto os olhos hajam assumido o logar da barba, e vice-versa, e o nariz se prolongasse indefinidamente, nada d'isto surprehende por demais o nosso Kusma Wassiljewitsch, antes pelo contrario, acha tudo na melhor ordem; quisera dizer aquelle nariz: «Bons dias, irmão Gregorio» desiste, porém, do seu proposito, e resolve... mas resolve finalmente — transportar-se desde logo para Constantinopla, elle e mais a Colibri, e celebrarem casamento, visto que esta era turca e o Sultão o convidou a elle naturalizar-se turco.

XXI

Coincidia apparecer-lhe, no momento opportuno uma canoa; saltou para dentro, e comquanto pelo seu estado quasi inconsciente o fizesse a muito custo, e durante um bom pedaço nem sequer soubesse onde se achava, veiu por fim a tornar a si, sentou-se em um banquinho e a favor da corrente navegava por aquelle riozinho, que elle em um mappa pendurado na parede do Gymnasio de Nikoljef verificara ir desaguar em Contantinopla.

Era tão extraordinariamente agradável o navegar n'aquelle rio, viu pelo caminho uma quantidade tal de aves aquaticas muito vermelhas... as



NOVO TEMPLO DE NOSSA SENHORA MAE DE DEUS, EM GÔA, VISTA INTERIOR

(Photographia do sr. B. F. de Sousa & Filho.)

quaes, supposto lhe saíssem ao encontro, não o deixavam porém approximar, e no acto de mergulhar, se transformavam em largas manchas vermelhas!...

E ali ia elle e mais a Colibri; esta, porém, no intuito de se resguardar dos ardentes raios do sol, abrigara-se debaixo da quilha do barco, trepando para cima de quando em quando.

Ei-los finalmente em Constantinopla. As casas, ou aquillo que pelo menos lhe pareceu que o fossem, apresentam o aspecto de choças tyrolesas; e os turcos, todos elles com umas caras rudes, empedernidas; e não se pôde olhar para elles demoradamente: retrahem-se, fazem carantonhas e desfazem-se como a neve em fuzão.

Além está o palacio, em que elle e Colibri vão residir...

E com que magnificencia se não acha tudo lá por dentro! Ricas tapeçarias colgadas das paredes, fardalhões e dragonas por toda a parte, aos cantos, músicos tocando trombetas, e a canoa leva-o, a elle e a Colibri, até aos seus aposentos. Ali, escusado é dizel-o, pendurado na parede depara-se-lhe o retrato de Mahomet!... e a Colibri, sempre a correr, a fugir-lhe e atrás d'ella as tranças a arrastar pelo chão... e ella sempre a affastar-se mais... e de cada vez mais pequenina, mais pequenina... Mas nem é já a Colibri, mas sim um pequeno de jaquetinha curta, e elle é o seu mordomo, e tem que o enfiar por um oculo de ver ao longe... e o oculo de ver ao longe, vai estreitando cada vez mais, cada vez mais até que elle já nem se pôde mexer... nem para trás nem para diante, e quasi que já nem mesmo consegue respirar... eis se não quando, salta-lhe seja o que fór para cima das costas... e enche-lhe a boca de terra...

XXII

Kusma Wassiljewitsch abriu os olhos. Tudo em redor está claro e sereno... cheira a vinagre e a hortelã-pimenta. Por cima da sua cabeça e dos lados antolha-se-lhe uma qualquer coisa branca e observa-a de mais perto: são os cortinados de um leito. Tenta erguer a cabeça... impossível; a mão... impossível. Que quererá isto dizer? Lança a vista em redor... estendido ao comprido em frente d'elle jaz um corpo, e cobre este corpo uma colcha de lã amarelada com uma cercadura cor de canella. E aquelle corpo é o seu.

Tenta gritar... não consegue emitir um som. Tenta de novo, reúne a todas as suas forças... apenas pode articular um arranco imperceptível que lhe agita o ar debaixo do nariz.

Sente uns passos pesados, mão nervosa corre o cortinado. Depara-se-lhe um invalido de cabellos brancos com o capote militar remendado, olhando para elle... E elle olha tambem para o invalido. Approxima-se dos labios de Jergunoff uma caneca de zinco. Bebe soffrego a agua fria. Solta-se-lhe a lingua.

— Onde estou eu?

Olha para elle outra vez o invalido, affasta-se e volta um outro individuo trajando um uniforme mais escuro.

— Onde estou eu? repete Kusma Wassiljewitsch.

— Agora, vejo que temos homem, diz o individuo fardado. «O senhor acha-se no hospital» prosegue falando mais alto; mas convem estar sosegado; o falar pôde prejudicá-lo.

Kusma Wassiljewitsch tentou manifestar surpresa, mas cae novamente em estado de insensibilidade.

Ao outro dia de manhã voltou a apparecer o medico. Kusma Wassiljewitsch recuperara a consciencia das coisas. O doutor deu-lhe parabens pelas melhoras, e mandou-lhe ligar a cabeça.

— A cabeça, mas por quê? — Dar-se-á o caso de que eu?

— Não deve falar, nem tão pouco excitar-se, atalhou o facultativo, e dê graças á Providencia, onde estão as compressas, Poplewkin?

— E onde está o dinheiro... aquelle dinheiro do Estado?

— Mau, lá começa elle outra vez a divagar... Avie-se, Poplewkin, dê cá o gelo.

XXIII

Decorreu mais outra semana. Kusma Wassiljewitsch melhorara a ponto de lhe participar o medico quanto lhe havia acontecido. Inteirou-o do seguinte:

No dia 16 de junho, ahí pelas sete horas da tarde, visitara elle, Kusma, pela ultima vez, a casa de Madamé Fritsche. No dia 17, á hora de jantar, isto é, quasi vinte e quatro horas depois, um caçador foi dar com elle, sem sentidos, na valeta da estrada que vai em direcção a Cherson, a duas

verstas de Nikolajeff, com a cabeça fendida, e vergões roxos no pescoço. A farda e o collete, desabotoados, os bolsos virados de dentro para fóra, bônne e espadim, quero, que é d'elles. Cinto com o dinheiro, era uma vez. A herva muito recalçada, a largo rastro no saibro e na lama, levavam a concluir que o maldadado tenente fóra arrastado para a valeta, em seguida ao golpe que recebera na cabeça, — não com um machado, mas sim com uma espada, — provavelmente com o seu proprio espadim. Em toda a largura da estrada até a valeta não havia uma só gota de sangue, comquanto por baixo da cabeça existisse uma poça do mesmo. Não pôdia ser motivo de duvida, o facto de havê-lo o assassino reduzido á insensibilidade, levando-o em seguida para fóra da cidade, e arrastando-o para a valeta, afim de garantir a impunidade ao proprio crime.

Kusma Wassiljewitsch deveu pois a vida apenas á robustez da sua ferrea constituição. A 22 de julho, isto é, cinco semanas depois do attentado, recuperou os sentidos.

XXIV

Kusma Wassiljewitsch participou ás auctoridades competentes o attentado de que fóra victima, expôs verbalmente e por escrito todos os pormenores, communicando a morada da dama Fritsche. A policia procedeu desde logo a uma busca na referida casa, não encontrando porém ali viv'alma — os passaros haviam desamparado o ninho. Dirigiram-se ao proprietario do edificio. Não conseguiram porém tirar d'este, muito surdo e muito velho, esclarecimento que prestasse. O senhorio vivia em outro bairro da cidade, e apenas sabia, que quatro meses atrás havia alugado o predio a uma judia dando pelo nome de Schmul ou Schmulke, habilitada com o competente passaporte, e que em tempo opportuno participara o facto á policia.

Foi depois procurado por outra mulher, habilitada igualmente com o respectivo passaporte; — a profissão, porém, de qualquer d'ellas, era-lhe totalmente desconhecida; e se com ellas moravam outros quaesquer inquilinos, era coisa que não sabia nem tinha ouvido jámais uma palavra a tal respeito; e que o individuo que elle conservava no predio a titulo de *Dwonik* (porteiro) havia transferido a sua residencia para Odessa ou para S. Petersburgo; o novo *Dwonik* achava-se exercendo as funções havia pouco tempo, isto é, desde o primeiro de julho.

A policia proseguiu nas suas investigações em toda a região circumjacente. Verificou-se o haver-se ausentado de Nikolajeff a sobredita Smulke e com ella a inquilina sua companheira, cujo nome legitimo era Frederica Bengel, cerca do dia 20 de junho, — mas ninguem soube dizer para onde se transferira.

A mysteriosa entidade com a phisionomia de cigano e com os tres botões de prata no canhão da mangá, assim como a exotica rapariga da extraordinaria cabelleira, ninguem lhes havia visto a vista em cima.

Kusma Wassiljewitsch, assim que saiu do hospital, foi em pessoa visitar a casa, que tão fátidica lhe viera a ser.

N'aquelle cubiculo, onde tanto o deleitava a companhia de Colibri, e que trescalava ainda a almiscar, encontrou mais outra porta encoberta; durante a sua segunda visita achava-se tapada pelo sofá, e o mais provavel era o haver-se insinuado por ella o assassino, agarrando-o pelos costas.

Kusma Wassiljewitsch apresentou a sua queixa em fórma. Instaurou-se o processo. Foram expedidas multiplas communicações cuidadosamente numeradas todas ellas, para os quatro lados do horizonte, houve, a seu tempo, escambo de replicas e de treplicas... mas ficou tudo na mesma. As personagens indicadas foi como se se tivessem sumido nas profundas do oceano, e com ellas o surripido dinheiro official: mil nove centos e sessenta rublos e alguns *kopeks*, quer em oiro quer em papel.

Quantia, aquella data, algo importante! Pelo espaço de dez annos esteve o nosso Kusma Wassiljewitsch soffrendo descontos nos seus ordenados, para repór ao Estado a quantia, até que finalmente, logrou ver o dia em que lhe passaram a quitação.

(Continúa).

M. MACEDO.

LIÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

O apparelho photographico *Lune* distingue-se de todos os outros pela construcção do systema pôr em foco.

O modo de reunião da parte anterior e posterior do apparelho permite um paralelismo absoluto entre a objectiva e o vidro depolido. A prancheta da objectiva está montada sobre 4 alavancas, movidas todas pelo mesmo parafuso micrometrico, os quaes giram ao mesmo tempo, de uma quantidade rigorosamente egual. Uma agulha que se desloca sobre um sector graduado permite vêr e apreciar a $\frac{1}{10}$ de milimetro, o deslocamento da objectiva.

O obturador dá resultados muito precisos, velocidades muito variaveis, devido a um piston de ar que se pode regular á vontade.

O MEZ METEOROLOGICO

Agosto, 1905

Barometro: — Altura maxima 770^{mm},0 em 5

" — minima 758^{mm},8 em 3

Thermometro: — Maxima 30^o,6 em 18

" — minima 14^o,1 em 27

Foi dos mezes de agosto, mais temperados de que se tem conhecimento. Só dois dias houve, com maximas superiores a 30^o (em 18 e 19), embora se registassem temperaturas proximas d'esse nivel, em alguns dias. Em 7, 29^o,5. Em 8, 29^o,8. Em 20, 29^o,4.

Minima mais elevada: 19^o,8 em 18.

Desde 25, até 31, houve consideravel diminuição de temperatura (abaixo da normal).

Ventos dominantes — NW em 1. SW em 2 e 3. N até 8. S em 9. NE de 10 a 13. NW em 14. N até 24. W em 25 e 26 e N até 31.

Chuva. — 3^{mm},2 em 4 dias (2, 3, 24 e 29).

Nebulosidade média. 3,1 (9 h. a. m. até 9 h. p. m.).

Bom tempo. — 20 dias. Nublado 11 dias.

A natureza e seus phenomenos

PARTE III

CALORICO

CAPITULO II

MUDANÇA DE ESTADO DOS CORPOS

(Continuado do n.º 962)

IV — Líquifacção

A *líquifacção* é o phenomeno inverso da vaporização.

O calor que se desenvolve n'este phenomeno, é egual ao calor que o liquido, anteriormente, absorvera pela vaporização (calor latente de condensação).

A *líquifacção* pode ser feita por simples resfriamento. Assim se obtve a *líquifacção* do acido sulphuroso, cyanogenio, etc. — Lory e Drion conseguiram *líquifazer* o anhydrido carbonico, á temperatura de — 90^o, e á pressão normal. Pelo resfriamento, e pressão, Cailletet e Pictet *líquifizeram* e *solidificaram* o hydrogenio, o oxigenio, o azote, etc.

No processo de Cailletet, os gazes submettem-se o grandes resfriamentos e pressões dilatando-se em seguida; a *líquifacção* produz-se em virtude da absorção do calor para essa dilatação.

No processo de Pictet, a pressão é produzida pelo proprio gaz desenvolvido n'um espaço fechado, e o resfriamento pela vaporização do anhydrido sulphuroso liquido em seguida, pela do anhydrido carbonico *líquifeito* pelo anhydrido sulphurico, e finalmente, pela expansão que o gaz sofre.

D onde concluimos que a pressão do proprio gaz tambem pôde *líquifazer*-o.

Exercendo-se uma pressão mechanica em toda a massa do gaz, tambem se pode obter a sua *líquifacção*.

São por conseguinte, quatro, os processos que podemos empregar para *líquifazer* gazes.

1.º) pelo resfriamento.

2.º) Pela propria pressão do gaz.

3.º) Pela pressão mechanica exercida sobre a sua massa.

4.º) Pela pressão e resfriamento.

Chamamos *ponto critico* o limite da tempera-

tura, a partir da qual, a liquificação não se pôde realizar, por maior que seja a pressão.

V— Distillação

A operação que tem por fim separar por meio da ebulição, um liquido, das materias fixas ou de outros liquidos menos volateis, contidas na sua dissolução, chama-se *distillação*.

O aparelho onde se faz essa operação, chama-se *alambique*.

Consta de uma fornalha em que assenta um vaso A (cucurbita) onde se introduz o corpo a distillar. Esse vaso, é fechado superiormente por uma peça B (capitel) que, por meio de um tubo C, communica com outro tubo em espiral S (serpentina) mergulhado n'um recipiente de agua fria, V. Os vapores da cucurbita são condensados na serpentina, sendo recebida n'um vaso, D. O liquido mais volatil distilla primeiro, em seguida os outros. Na cucurbita ficam apenas as materias fixas, o condensador é alimentado interrumptamente pela agua que vem de um deposito R por um tubo, T' e esgotado por um outro tubo, T quando os vapores condensados na serpentina o tenham aquecido sufficientemente, devido ao calor latente desenvolvido.

Por este processo, obtemos a aguardente de vinho, dos cereaes, etc. O gaz de iluminação, coque, carvão animal, etc., são egualmente productos de distillação.

(Continúa)

ANTONIO A. O. MACHADO.



Fig. 45 — Alambique

pante, no lyceu de Braga. Estudando n'este lyceu os restantes preparatorios e cursando em seguida theologia moral e dogmatica. Vagando, por este tempo, uma cadeira na villa de Caminha ella concorreu e foi provido por decreto de 7 de dezembro de 1852.

Passados 7 annos foi transferido para identica cadeira de latinidade e francez na villa de Alcobaca onde fundou a bibliotheca municipal. Transferido, a seu pedido, em 1866, para a villa d'Estremoz Sempre estranho á politica, cuidando só do cumprimento dos seus deveres, obrigaram-o a alterar seus antigos habitos e foi nomeado presidente da camara, fundando ahi a bibliotheca municipal e museu anexo e salvando de completa ruina o convento de S. Francisco — tudo por subscrições — umas por elle sollicitadas, outras por simples espontaneidade da parte dos illustres habitantes d'aquella formosa villa do Alentejo, o que prova a grande consideração de que gosava em Estremoz.

Sendo chamado para reger uma cadeira no lyceu central d'Evora, continuou ahi a receber grandes provas d'estima e consideração dos eborenses e estremozenses. N'este lyceu reger as cadeiras de latinidade, litteratura e portuguez, tendo sempre a maxima dedicação para com seus discipulos, que o estremeciam, os quaes habilitava todos para exame.

Foi agraciado com o augmento do terço de vencimento por decreto de 12 de setembro de 1878 e, a convite de sua ex.^a rev.^{ma} o sr. arcebispo, reger tambem uma cadeira no seminario da qual pediu dispensa em 1902.

Aposentado como professor do lyceu em 1897, foi nomeado reitor d'este estabelecimento d'ensino e governador civil substituto do districto d'Evora, logares que exerceu com bastante criterio e saber durante algum tempo. Sendo reitor do lyceu, foi este elevado á cathedra de central, devido aos esforços dos ex.^{mas} drs. Barahona e conego Alfredo, deputado, e foi agraciado com o titulo de conselho de Sua Magestade, como recompensa dos relevantes serviços prestados á instrucção.

Alem d'estes cargos, foi tambem vice-presidente da camara municipal d'Evora e depois da commissão districtal, presidente do conselho director do *Asylo d'Infancia Desvalida*, vogal da commissão fiscal do *Banco do Alentejo*, etc., etc.

Tendo sido chamado aos conselhos da corôa a actual situação progressiva, esta o reintegrou no logar de reitor do lyceu central d'Evora, o que foi um grande regosijo para os estudantes que lhe fizeram uma ruidosa ovação no acto de tomar posse d'aquelle elevado cargo.

Era socio da *Sociedade de Geographia*.

A sua morte foi muito sentida por todos os que com elle conviviám e, mui principalmente, pela sua familia que o adorava e por quem elle tinha grande dedicação.

CONSELHEIRO FREDERICO D'ABREU GOUVEIA

Ha uma doença moderna resultante do excesso de vida dos nossos tempos, que ataca principalmente as pessoas nervosas, produzindo o esgotamento do systema nervoso. A sciencia denominou esta doença neurasthenia, e só o completo repouso, ou as distrações de espirito é que atenuam

ou ás vezes debelam, esta enfermidade que é mais moral do que phisica.

E' hoje, infelizmente, vulgar esta doença e muitos d'ella soffrem sem o saber, attribuindo o mal estar de seu espirito ás contrariedades da vida, que em condições normaes de saude se vencem e passam, mas que, para o neurasthenico são nuvens negras que lhe pesam n'alma, o esmagam como grandes desgraças irredutíveis.

Não ha força de raciocínio que lhes resista; é uma doença moral como a loucura, e quantas vezes leva a sua victima ao suicidio.

Foi o que ora aconteceu ao sr. conselheiro dr. Frederico d'Abreu Gouveia, que vindo ha annos a soffrer d'esta doença, teve no dia 5 do corrente seu termo, arrastando a victima ao suicidio.

O sr. dr. Abreu Gouveia matou-se com um tiro de revolver, em casa de seu irmão, o sr. dr. José Bernardino d'Abreu Gouveia, na quinta do Geraz de Lima, em Vianna do Castello, para onde fóra ha mezes descansar dos seus trabalhos officiaes.

O sr. dr. Frederico d'Abreu Gouveia era dos mais distinctos funcionarios publicos, que ao funcionalismo official dedicou sua vida.

Tendo-se formado em direito, na universidade de Coimbra, em 1853, principiou sua carreira publica por administrador do concelho de Castro Daire. Foi depois secretario geral do governo civil de Vizeu, exercendo as funções de governador civil interino e por fim effectivo do mesmo districto, onde deixou bem assignalada a sua passagem como funcionario intelligente e zeloso, qualidades que o distinguiram na sua longa carreira publica.

Vindo para Lisboa, obteve por concurso o logar de primeiro official de secretaria, no ministerio do reino, de que passou mais tarde a chefe de repartição do mesmo ministerio. Em 1892 foi nomeado director geral da repartição de Instrucção Publica, deixando em 1895 este logar e passando para o de director geral do ministerio da justiça, em virtude, ao que parece, de descordar de alguns pontos da reforma da instrucção decretada pelo sr. conselheiro João Franco, quando ministro do reino.

A estes elevados cargos officiaes, em que sempre provou sua alta intelligencia e dedicados serviços á causa publica, junta o sr. dr. Abreu Gouveia o ser vogal do Supremo Tribunal Administrativo e provedor do *Asylo Maria Pia*, a que dedicou especial protecção, dispondo da sua alta influencia em beneficio d'aquelle estabelecimento de caridade, no qual promoveu grandes melhoramentos e de que cuidou com paternaes desvellos.

Honrosa foi a carreira do illustre funcionario, cuja morte tem sido geralmente sentida.

O retrato que publicamos é um pouco antigo, por não o termos podido obter outro moderno.

EMILIA ADELAIDE

Desappareceu para todo o sempre do orbe terrestre esta gloriosa actriz, que brilhou como astro de primeira grandeza no mundo scenico.

Nascida em Portalegre, a 1 de novembro de 1836, de paes humildes, foi aos 11 annos para Castello Branco, com sua mãe e irmãs, visto o pae as ter abandonado. Em 1854 veio para Lisboa costurar n'uma officina de modista, sendo então aconselhada a entrar para o theatro. Matriculando-se no conservatorio, foi leccionada pelo erudito Duarte de Sá, a quem a arte dramatica portugueza deve relevantes serviços, e, completando rapidamente a sua educação litteraria, com a febre de quem deseja progredir, estrejou-se no theatro de *D. Maria II*, em 1857, na comedia em 1 acto, *A chavena quebrada*.

De olhar meigo e insinuante, sorriso adoravel nos labios, genio carinhoso e affavel, voz sympathica e attrahente, maneiras já distinctas então, por essa educação que algumas mulheres tem o condão de darem a si proprias, e sobre tudo guiada pela mão do destino, Emilia Adelaide, como diz um seu admirador, não podia bater á porta do theatro nacional, sem que fosse ahi benevolmente acolhida.

E, progredindo sempre nas varias peças em que lhe distribuíram papeis, entre as quaes o drama *O amor e o dever*, original do nosso presado collega e amigo Francisco Serra, conquistou finalmente os lóros de actriz de mérito no drama de Ernesto Biester *Caridade na sombra*.

Desde então contou os triumphos por cada personagem que creava. Os principaes escriptores da epoca disputavam-n'a para interprete das suas producções, e difficilmente encontrariam quem a

NECROLOGIA

CONSELHEIRO JOSÉ FERNANDO PEREIRA DEVILLE

No dia 3 do corrente a morte ceifou mais uma vida preciosa, mais um obreiro do progresso, mais um apostolo da instrucção, que comprehendeu bem o alto sacerdocio a que consagrou sua vida, o conselheiro sr. José Fernando Pereira Deville.

Sua saude estava já de ha muito abalada pelo que o sr. Deville viera, ultimamente, da sua casa de Evora para Cascaes, onde falleceu.

Vida especialmente dedicada ao estudo e ao ensino, soube ser professor como poucos, reunindo ao saber a bondade de seu coração, o que lhe permittiu ter em cada discipulo um amigo, um admirador das suas primorosas qualidades, que o tornavam querido e respeitado de todos.

O conselheiro sr. José Fernando Pereira Deville, natural da aprazivel provincia do Minho, nasceu em 23 d'abril de 1832, contando, portanto, 72 annos completos.



CONSELHEIRO JOSÉ FERNANDO PEREIRA DEVILLE

Depois de se habilitar em um collegio de Vianna do Castello a fazer exame d'instrucção primaria, seus paes, apezar de viverem modestamente, reconhecendo n'elle grande tendencia para as letras, mandaram-o educar, tendo-se elle dedicado mui principalmente ao latim e francez em cujas disciplinas ficou approvado *nemine discre-*

egualasse no desempenho da *Morgadinha de Val-Flór*, *Fidalgos de Bois-Doré*, *Nobres e Plebeus*, *Vida d'um rapaz pobre*, *Judia*, *Fr. Caetano Brandão*, *Dama das Camélias*, *Fernanda*, *Angelo*, *M.elle Belle-Isle*, *Fortuna e trabalho*, *Idiota*, *Maria Antonietta*, *Homens ricos*, *Aventureira*, *Familia Bonoiton*, *Supplicio de uma mulher*, em que foi soberba, *Diana de Lys*, *Therèza Raquin*, etc.

Fez uma digressão de estudo a Paris, percorreu as nossas provincias e ilhas com uma companhia dramatica de que era directora, e, em 1871, no apogeu da sua gloria, foi-se até ao Brazil, onde obteve um dos maiores successos que actores portuguezes teem alcançado em terras estrangeiras. Isto e os gran-



CONSELHEIRO FREDERICO D'ABREU
GOUVEIA

des proventos, que auferia, animaram-n'a a ficar por lá. Tendo-se porém feito emprezaria, o que, como sempre succede, lhe trouxe não pequenos dissabores, abandonou, annos depois, a scena, deixando um grande vacuo.

Fundou em seguida um importante estabeleci-



EMILIA ADELAIDE

mento de modas, continuando no Rio de Janeiro até que, ha tres annos, veio residir para Lisboa, onde falleceu a 11 do corrente, com 69 annos incompletos.

Paz à sua alma.

Emilia Adelaide Pimentel estava reformada, ha já bastante tempo, como artista de primeira classe do nosso theatro normal, e ainda agora mostrava quão radiosa deveria ter sido a sua belleza.

PEDRO PINTO

TENENTE JAYME AUGUSTO TEIXEIRA NEPOMUCENO

Victima de um grande desastre, occorrido no dia 30 de agosto, em Vendas Novas, morreu o tenente de artilharia sr. Jayme Augusto Teixeira Nepomuceno.

Tratava-se da remoção de socata de artilharia para a estação do caminho de ferro, quando na occasião em que se carregava n'uma carroça, d'entre os ferros velhos amontoados, explodiu uma granada que estava junta com a socata.

A primeira victima d'essa explosão foi o tenente Nepomuceno, que dirigia aquelle trabalho.

Um estilhaço da granada batendo em cheio na cabeça do desventurado official decepou-lh'a do corpo e arremeçou-a a grande distancia, sendo tambem atingido por outros estilhaços o carroceiro e alguns soldados que carregavam a carroça, os quaes ficaram feridos, alguns gravemente.

Este lamentavel acontecimento victimou na força da vida o tenente Nepomuceno, pois contava 35 annos de idade, tendo nascido a 8 do junho de 1870. Era filho do architecto Nepomuceno, fallecido ha poucos annos, cujas obras



TENENTE JAYME AUGUSTO TEIXEIRA
NEPOMUCENO

são bem conhecidas, e que era um colleccionador de preciosidades d'arte, que seu filho tinha continuado a accumular com o mesmo empenho e gosto.

O tenente Nepomuceno era dos mais distinctos officiaes da sua arma, muito apreciado por seus camaradas e amigos.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras



R. do Alecrim, 444, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900



Français, Allemand, Anglais, Espagnol,
Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 f

Éditeur—Empresa do Occidente—Lisbonne—Portugal

Almanach illustrado do OCCIDENTE Para 1906

Sahe brevemente a publico este interessante annuario e desde já se recebem encomendas. A capa é uma bonita aguarella do sr. José Leite. Preço 200 réis, pelo correio 220 réis.

EMPRESA DO OCCIDENTE — LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Santos Camiseiro

24. PRAÇA DE D. PEDRO. 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA
(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 75, Rua do Ouro, 69, 75
LISBOA

ROBURINA

MEDICAMENTO PREPARADO POR

JAYME JOSÉ DA COSTA

Pharmaceutico pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Tonico, reconstituente do systema nervoso, hyperglobulico e alimento de reserva, etc.

Empregado com efficacia, no tratamento da debilidade geral, anemia chlorose, neurasthenia e convalescença das doenças, etc., etc., conforme o provam os attestados dos principaes medicos da capital.

Posologia. — A Roburina toma-se dissolvida em agua. Na falta de indicação especial do clinico, 3 colheres das de chá por dia, antes de cada refeição.

Preço do frasco 800 rs., pelo correio acresce o porte

PHARMACIA JAYME JOSÉ DA COSTA

115, 117, Rua de Andaluz, 119, 121

Telephone n. 1516

LISBOA